

CAPITULO ONZE

UM CERTO CABO NAURÍCIO

Sua vida era agradável ao senhor por isso saiu às pressas do meio da
perversidade

(Livro da Sabedoria 4.14)

O primeiro interventor

A Revolução de 1930, distanciada do ideário tenentista, nomeou o civil Fernandes Távora primeiro interventor do Ceará. O velho politiqueiro, do mesmo modo que distribuía privilégios de acordo com seus interesses clientelistas usava da intransigência para acusar e perseguir os adversos da sua facção política.

O diminuto período de oito meses que esteve à frente do governo só lhe serviu para acossar, desarmar, prender e reabrir processos criminais esquecidos no tempo, principalmente, quando os incriminados não pertenciam seu grupo oligárquico. Para falar a verdade, além de prejudicar os outros, tal interveniente nada realizou.

Sem mostrar a cara, em Baturité, ele resolve jogar duro com dois líderes da passeata de janeiro de 1912, durante a qual o delegado Manoel do Rego Falcão, foi morto com um tiro no pescoço. Um crime, perpetrado há justos dezoito anos, sem solução, por absoluta falta de provas da autoria.

Como as aparências do delito respingavam suspeição nos cidadãos Júlio Severiano da Silveira e Francisco Mendes Machado, os dois genros do coronel Raimundo Maciel, não escaparam da sanha do justicioso.

Vítima de pistolagem, Julio Severiano da Silveira enquanto bebia no bar do cinema foi alvejado por um tiro que Antonio Ramos, arrendatário do referido bar, lhe deu à traição. Durante muito tempo prostrado pelo balaço que o atingiu na coluna, Julio, nunca mais se levantou. Depois de viúva dona Honorina Maciel Severiano, renunciando aos recursos familiares, mudou-se para Fortaleza, onde conseguiu, a duras penas, com o suor do seu rosto, educar seus filhos, Dr. Lauro Maciel Severiano e Laysce Severiano Bonfim.

Francisco Mendes Machado recebeu sua pena através da caneta do justiceiro que o exonerou do emprego de coletor estadual. Por não ter aptidão para o comércio, depois da demissão, Chico Mendes, como era conhecido, fracassa como lojista e como dono de caminhão de cargas, negócios montados com a fiança do tio major Pedro Mendes Machado. Depois de passar maus bocados em Baturité, esse pai de família só consegue, mesmo, ter uma vida digna quando se muda para Fortaleza,

ocasião em que os sete filhos vão se acomodando em diferentes atividades de labor, principalmente, com a orientação da mãe Noemi.

Naurício perde o emprego

Um dos filhos, de Chico Mendes e Noemi, estudante do Colégio Militar de Fortaleza, devido à situação financeira do pai, tranca sua matrícula. Através de ex-professor, major Coutinho, se emprega como desenhista do IFOCS - Instituto Federal de Obras Conta as Secas, lotado na frente de serviços destinada a empregar os flagelados da seca de 1932, que construíam a rodovia Fortaleza-Russas. No ano seguinte, com a suspensão da obra, Naurício perde o emprego, mas, sendo bolchevista, antes de sair, consegue montar, em Russas, uma célula da Juventude Comunista, entidade atrelada à Seccção de Fortaleza da Juventude Internacional Comunista de Moscou, que, também, ajudada a fundar, na companhia dos primos Heitor Maciel e Pedro Wilson Mendes.

Nos caminhos da farda

De volta a Fortaleza, Inclinado para a carreira militar, Naurício Mendes se alista, como voluntário do Batalhão Ferroviário de Mato Grosso. No final de 1933, se despede dos parentes e amigos na Ponte Metálica da Praia de Iracema, onde embarca num "Ita" para São Paulo, em busca de conexão para Cuiabá. Ao desembarcar no porto de Santos, Naurício, por coincidência se depara com o capitão Silva Barros, outro ex-professor do Colégio Militar, que o convence a desistir da incumbência de Mato Grosso. Dessa forma, em atenção aos conselhos do mestre, senta praça como soldado raso da Segunda Formação de Intendência Divisionária de São Paulo, no bairro da Barra Funda, onde, dentro de pouco tempo é promovido a cabo.

O baixo soldo de cabos e sargentos, além da regra do Exército, que, depois de algum tempo, exonerava os praças de suas fileiras, faz com que Naurício, aos 22 anos, solteiro, para se garantir nos caminhos da farda, se submeta aos preparatórios fundamentais para acesso na Escola de Aviação do Exército.

Intentona Comunista

Na segunda metade da década de trinta, apavorada com a ascensão da Alemanha, a III Internacional Comunista, que antes não admitia

parceria com outras associações, passa a permitir a presença de pessoas e frentes estranhas, desde que, dispostas a combater o nazismo. Por esse motivo Luis Carlos Prestes, presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, mergulha no Partido Comunista Brasileiro.

Acreditando na influência de Prestes junto à tropa, o Partidão acreditava na adesão de boa ala de tenentes, sargentos e cabos do exército para apoiar uma futura greve geral o embrião de um possível levante militar. O Secretario Geral do PCB, nos relatórios enviados à Moscou, se referia a esse movimento com tanto entusiasmo que a *"Internacional, diante do que lhe era revelado, não só, via com bons olhos como até incentivava o levante do Brasil"* (Historia do Brasil. Cárceres, Florival. São Paulo. Moderna. 1993).

No dia 23 de novembro de 1935, quando os lideres aliancistas, se precipitaram, ao achar que estavam no momento certo de começar o movimento, não sabiam, no entanto, que, o ditador Getúlio Vargas, por outro lado, tomava conhecimento de tudo. Dessa forma, como já aguardava o levante, não somente o sufoca como também ordena a prisão de centenas de pessoas envolvidas ou não na "subversão". Assim sendo, depois daquela insurreição que passou para a história como Intentona Comunista, o governo pratica uma verdadeira "caça as bruxas", período em que se acende uma pagina de sangue e muita traição na História do Brasil.

Estado de terror

A nação entra num verdadeiro estado de terror. O famigerado Felinto Muller, chefe de polícia de Getúlio, conduzindo violenta repressão, deixou sua marca de extraordinário rigor e sadismo no trato dos considerados inimigos do regime. Carlos Prestes é preso e sujeito a um isolamento total; sua esposa Olga Benário é deportada, teve uma filha na cadeia, morreu num campo de concentração na Alemanha. Artur Evert, ex-deputado alemão, que fora enviado ao Brasil pela Internacional Comunista, é descoberto e apreendido pela polícia - durante sua prisão foi tão brutalmente torturado, que, diante do trato subumano, enlouqueceu. Sua mulher foi estuprada por policiais diante dele. O advogado Sobral Pinto, mesmo sendo anticomunista, tentou melhorar as condições do alemão na prisão, enquadrando-o na lei de proteção aos animais.

O Presídio Maria Zélia, Estado maior da repressão em São Paulo

Armando Sales, interventor paulista, pré-candidato à Presidência, na esperança de suceder Getúlio Vargas no mandato que terminaria em 1938, para angariar o apoio do ditador adota, no seu Estado, o mesmo esquema de Felinto Muller no Rio. O quartel general da repressão "armandista" era, situado em uma zona ribeirinha e pantanosa, cheia de mosquitos, responsáveis pelo surto de impaludismo nos cortiços das cercanias o lugar, portanto, um dos mais insalubres da capital paulista. O vento, a chuva que entravam pelas janelas gradeadas, e as águas que escorriam pelas goteiras do teto tornavam o ambiente, ainda, mais úmido, gerando na prisão, focos de infecção, onde somente alguns presos excepcionalmente fortes resistiam à gripe, ao reumatismo e a ciática, males contraídos nas péssimas condições carcerárias, agravadas pela má alimentação. No cardápio apenas em arroz com feijão e café com pão. As sobras de comida eram reaproveitadas para os próprios encarcerados.

O mau trato, porém, era o ponto mais forte daquele estado maior das grades. Por causa dos tormentos sofridos o gráfico Manoel de Medeiros, dali saiu para ser operado de ulcera no estomago - morreu de "moléstia súbita e indeterminada". O martírio carcerário fez o comerciante de nome Barreiros tentar o suicídio no desespero de uma sinusite sem tratamento. Por sofrimento o gráfico Meireles contraiu uma ciática e pelo mesmo mal o iugoslavo Yedo Gratz, foi levado a Santos e jogado dentro de um navio de volta a sua terra natal. Tomados pela agonia Durvalino Peixoto, Marcílio Arruda e outro homem, enfraqueceram na masmorra e acabaram num leprosário onde morreram lentamente.

Quadro de autoridades

No Posto da Guarda da Prisão Maria Zélia existia um quadro com letras garrafais, contendo nomes de autoridades. Encabeçava-a o do governador, o de certo Cardoso Melo Neto, o do Comandante da Guarda Civil, Depois, abrindo uma serie de nomes exóticos, um tal de Kaufman, alemão, que, imperava ali com a mesma desenvoltura de um oficial nazista. Sua guarda era constituída de mercenários, também estrangeiros,

especializados em tortura, chefiados por um russo de nome Gregório Kovalenko, elemento da confiança do governador.

Obrigados a roer o cimento do piso

Classificado como comunista, no dia 21 de dezembro de 1936, Naurício Maciel Mendes, ao receber ordem de prisão do delegado Ergas Botelho, de sangrenta memória, é entregue à Prisão de Maria Zélia onde já encontravam inapelavelmente encarcerados mais 26 rapazes imaturos, como ele, todos presos políticos.

Como era de se prever, desamparados há meses nos cubículos do calabouço, os moços traçavam um plano de fuga através de um túnel. Na madrugada do fatídico dia 21 de abril de 1937, ao atravessarem o pátio do xadrez para atingir o buraco um guarda de carabina em punho, impede a evasão. Em seguida ao soar do alarme uma chuva de balas de metralhadoras, disparadas para o ar, reprime a fuga de vez. A propósito, até aí, nenhum dos prisioneiros foi atingido.

Dominados pela guarda, que já conhecia o plano da fuga, informados que eram por elementos de espionagem infiltrados entre eles, os jovens foram colocados no pátio sob a mira da guarda. Naquela ocasião, os presos Valdemar Schultz e Celso Nascimento Rosa, estirados por terra, foram obrigados a roer o cimento do piso com os dentes. Postos de pé um guarda que os obrigava a pular mediante tiros nos pés atinge Schultz no pé esquerdo. Os outros rapazes foram colocados em fila, revistados e surrados como animais e logo depois, divididos em três grupos.

Os dois primeiros grupos foram escoltados às selas sob agressões físicas. Já o terceiro grupo, do qual faziam parte, Naurício Mendes, João Verlota e Antonio Danoso Vidal, escolhido pelos guardas estrangeiros, permanece no pátio e apontados pelos guardas como cabeças do movimento.

Gregório Kovalenko, barbaramente, manda espancar Naurício para obter, dele, informações sobre oficiais comunistas dentro das forças armadas. Sabia que Naurício sendo um jovem inteligente e correto, tinha muitos amigos, entre os quais militares com patentes muito acima da sua. Apesar das torturas que lhe abalaram a resistência Naurício honrou seu nome sem a ninguém entregar.

Gregório Kovalenko ordena o fuzilamento

Kaufman, o alemão comandante da guarda, que a tudo assistia, resolve ir à secretaria, para, de lá, telefonar para o chefe de polícia. Depois de dialogar com a autoridade, retorna ao palco da tortura, trazendo ódio na cara de bandido faz um aceno para Gregório Kovalenko. O verdugo russo, que já tinha uma escolta pronta, ordena o fuzilamento dos cinco apontados. Verlota, Danoso, Augusto Pinto e José Constâncio Costa, cosidos pelas balas, morrem instantaneamente. Somente Naurício não morreu de pronto. Estirado no chão, arquejante, sem poder avaliar a sua situação. Quando os guardas verificaram que ainda respirava, receberam ordens do carrasco Kovalenko para lhe tirar a sobrevida a coronhadas de fuzil. A sinistra violência lhe mutilou a frente e lhe arrancou uma orelha.

“Mataram as alegrias de muitos lares brasileiros. Bandidos!”.

Meses depois, em Fortaleza, na casa dos pais, num dia de imensa tristeza e revolta, chega pelo correio um recorte de jornal anônimo contando os acontecimentos do Presídio Maria Zélia que terminava dizendo:

“Vítima do “armandismo” paulista, dentre os fuzilados, conta-se em maioria nortistas, e, dentre eles Naurício Mendes Maciel cearense ex-aluno do Colégio Militar, de Fortaleza, que servia na Segunda Formação de Intendência Divisionária de São Paulo, na Barra Funda”

Datada de 05/06/37, Dona Noemi, a mãe de Naurício, sobre o filho querido recebe uma carta de Atibaia-Sp, assinada por certa D. Sebastiana, terminava assim:

“... a sepultura do sempre lembrado Naurício tem o n. 177, quadra 77; eu e a moça que ele namorava sempre vamos visitá-la e sempre levamos flores para ele”.

A última lembrança do filho chega pelo vapor “Afonso Pena”. Era o espólio de Naurício, o pai diante do tão pouco que restou do “bom queridinho” – assim chamava o filho – amassa no peito, molhado de lágrimas, o papel da carta que detalhava o fuzilamento do filho. O autor da missiva era um amigo, operário de São Paulo, que, ainda, ensaiou um protesto, ao publicar, contra os criminosos, um artigo na imprensa paulista comentando que:

“Só a perversidade sem peias, o ódio do Brasil estrangeirado de São Paulo, poderia produzir tamanha desumanidade! Mataram as alegrias de muitos lares brasileiros. Bandidos!”.

Com o passar dos tempos, soube-se que impune Gregório Kovalenko, ainda vivia numa fazenda no interior de São Paulo, Estado onde, ainda, explorava os trabalhadores humildes do campo.

A memória de Naurício, cuja vida prematura não lhe permitiu descendência, está perpetuada no codinome dos cinco filhos de Pedro Wilson. Eles se orgulham de conduzir o nome do herói nas suas assinaturas.

